



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

20, 21 e 22 de junho 2015



**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** Sua Vida

**Data:** 22/06/2015

**Assunto:** Prouni

**Página:** 25

## DIÁRIO CATARINENSE

# MEC divulga hoje resultado do Prouni

**CANDIDATOS SELECIONADOS TÊM** até dia 29 para levar documentos exigidos à instituição de ensino

**O** Ministério da Educação (MEC) divulga hoje o resultado da primeira chamada do Programa Universidade para Todos (ProUni) referente ao segundo semestre deste ano. As informações estarão disponíveis na página do programa na internet ([siteprouni.mec.gov.br](http://siteprouni.mec.gov.br)). Também a partir de hoje, o candidato selecionado deverá comparecer à instituição para a qual foi pré-selecionado, levando documentos que comprovam as informações prestadas na inscrição.

O prazo vai até o dia 29. Caso perca a data, o candidato é automaticamente retirado do processo. Entre os documentos a serem

apresentados estão a carteira de identidade, o comprovante de residência, o comprovante de rendimento e o de conclusão do ensino médio. No dia 6 de julho será divulgado o resultado da segunda chamada. Os candidatos que não forem selecionados poderão se inscrever na lista de espera nos dias 17 e 20 de julho.

O ProUni oferece bolsas de estudos integrais e parciais (50% da mensalidade) em instituições particulares de educação superior com base nas notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O programa é dirigido a estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou que tenham estudado com bolsa na rede particular.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Artigo	Data: 20/06/2015
Assunto: Didáticas		Página: 19

### DIÁRIO CATARINENSE

## MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO

ANDRÉ DALA POSSA  
Doutorando em Educomunicação  
Florianópolis



**D**esde os jesuítas formamos e fomos formados com didáticas centradas no professor, no livro e na passividade do aprendiz. Mas na história recente se instaurou uma variável que tem desafiado as ciências. Trata-se de uma transformação potencial que reduziu fronteiras, interferiu e redesenhou culturas e identidades, criou não lugares e vivências atópicas. Refiro-me à ubiquidade das tecnologias digitais de comunicação e informação.

Temos uma nova ecologia educacional, uma mudança cultural que já atingiu diretamente 107,7 milhões de brasileiros. O desafio hercúleo está posto no colo das novas gerações de profissionais de educação. Somos o 55º país em leitura, segundo o Pisa. Com tamanha imersão da população nos contextos reticulares e mais de 13,3 milhões de analfabetos, os gestores educacionais precisam se apropriar dessas mudanças nas formas de sociabilidade. A academia precisa inovar, a pedagogia dos educandários requer atualização.

Um primeiro ponto de consenso para o tema é

**A academia precisa inovar, e a pedagogia dos educandários necessita de atualização**

que a tecnologia digital não é só uma ferramenta, é uma linguagem. Apesar de esta constatação não ser tão nova assim, a academia segue formando licenciados com currículos frá-

geis na abordagem do uso integrado das mídias na educação. O Brasil já promoveu diversos programas nesse sentido, como o Educom (Educação com computadores), o Proinfo (Programa Nacional de Informática na Educação) e o UCA (Um Computador por Aluno), para citar alguns. Mas é necessário ir além. As formações específicas precisam ser capazes de implementar essa nova lógica reticular aos educadores transformando suas práticas.

Precisamos estabelecer um estado de proficiência da rede educacional frente às tecnologias digitais de informação e comunicação. Só assim conseguiremos pensar em currículos formativos que deem conta do desafio de desenvolvimento de uma sociedade que já depende do uso do big data e está sendo permeada pela internet das coisas – automações com inteligência artificial.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Brasil	<b>Data:</b> 22/06/2015
<b>Assunto:</b> Prouni		<b>Página:</b> 18

# Notícias do Dia

## MEC divulga primeira chamada hoje

O Ministério da Educação (MEC) divulga nesta segunda (22) o resultado da primeira chamada do ProUni (Programa Universidade para Todos) referente ao segundo semestre deste ano. Os dados estarão disponíveis na página do programa na internet.

Também a partir de hoje, o candidato selecionado deverá comparecer à instituição de ensino para a qual foi pré-selecionado, levando os documentos que comprovam as informações prestadas na ficha de inscrição. O candidato deve verificar o horário e o local no qual tem de comparecer para a apresentação das informações. O prazo para que isso seja feito vai até o dia 29. Caso perca a data, o candidato é automaticamente retirado do processo. No dia 6 de julho será divulgado o resultado da segunda chamada.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Blog Moacir Pereira	<b>Editoria:</b> Blog Moacir Pereira	<b>Data:</b> 22/06/2015
<b>Assunto:</b> Plano Estadual de Educação		<b>Página:</b> Online



### Polêmica sobre o novo Plano Estadual de Educação

Prezado Jornalista

A toque de caixa, o Governo enviou para a Assembleia Legislativa, 19 metas a serem cumpridas do Plano Estadual de Educação, medida obrigatória imposta por lei que criou o Plano Nacional de Educação, que impôs o dia 24 de junho como prazo final para a aprovação das estratégias de cada Estado. Evidentemente que o prazo não deverá ser cumprido em razão dos debates e audiências públicas exigidas por lei para tamanha responsabilidade. Lendo as metas a serem cumpridas, algumas com prazo até o ano de 2.025, como atender 90% dos alunos matriculados no ensino médio, ou oferecer educação integral em no mínimo, 65% das escolas, para atender, pelo menos, 40% dos alunos da educação básica, observa-se o atraso gigantesco de nossa Educação e quanto ainda vamos ter que pagar em todas as áreas, principalmente no aumento da violência. E o mais grave, a repercussão na mídia foi mínima, nenhum comentário dos analistas políticos e de variedades, confirmando mais uma vez a importância que a educação tem: nenhuma. Citando o Japão como exemplo, em 1.871, o Imperador Meiji, em paralelo ao desenvolvimento industrial, estabeleceu as metas para as escolas primárias, secundárias e universitárias. Ainda no Japão, em 1.947, logo após o fim da 2ª guerra mundial, são estabelecidas novas normas educacionais, tornando obrigatório a todos os japoneses, do ensino infantil ao secundário, aulas iniciando às 8:30 indo até às 15:30, com 9 matérias obrigatórias, entre elas, a Educação Física. Após o período obrigatório de aulas, são oferecidos aos alunos 25 opções de atividades, da música ao futebol, dos laboratórios de informática ao atletismo, isso em Escolas Públicas. Quando chegaremos nesse nível? Acho que nunca.

Prof. Hélio Moritz."



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/06/2015
<b>Assunto:</b> Tecnologia	<b>Página:</b> Online	

DIÁRIO DE SERVIÇO DO BRASIL - N. 4 - 2015 - WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

### **Lousa digital equipa apenas 2% das classes do país, indica estudo**

Parece uma sala de aula comum: um professor fala na frente dos estudantes, que acompanham com anotações. Seria uma aula rotineira, não fosse uma diferença: a lousa é eletrônica –uma raridade no Brasil.

De acordo com um estudo mundial divulgado em maio pela consultoria britânica Future Source, apenas 2% das lousas das escolas brasileiras são digitais. Para se ter uma ideia, em países como EUA e Canadá, metade das salas de aula já conta com essa tecnologia. No Reino Unido, o índice chega a 98%.

Na prática, a lousa digital funciona como uma tablet gigante: com tela sensível ao toque, o professor pode aumentar o conteúdo, dá zoom e destaca pontos importantes com setas desenhadas com os dedos e coloridas do jeito que o docente quiser. Os dedos também servem para escrever algum conteúdo adicional.

O equipamento pode ser conectado à internet –caso das lousas eletrônicas do tradicional colégio Dante Alighieri, em São Paulo. A reportagem assistiu uma aula de geografia na escola que terminou com a exibição de um vídeo do YouTube.

"Nunca mais quero usar giz", diz o protagonista da aula, professor Marcelo Spinola da Silva, 51. Ele conta que usa a ferramenta há quatro anos, depois de uma certa resistência. "Não sabia como explorar os recursos, mas quando comecei não parei mais."

No Dante, o giz foi abolido: todas as 134 salas de aula são equipadas com as lousas digitais. Elas vêm da empresa canadense Smart, líder no setor. E se o giz voltasse? "Eu teria dificuldade, especialmente quando usamos imagens na aula", diz Manuela Correa, 17, aluna do 3º ano do ensino médio no Dante.

Lá, os alunos acompanham o conteúdo das aulas com um tablet individual que recebem da escola –cujas mensalidades giram em torno de R\$ 2.500. Alguns fazem anotações no próprio tablet, outros ainda são adeptos do caderno.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

No Brasil, a Smart vende, em média, onze lousas eletrônicas por dia e concorre com fábricas nacionais menores como a Hetch Tech. Cada equipamento –nacional ou importado– custa uma média de R\$ 5 mil e pode chegar a R\$ 10 mil nos modelos mais sofisticados.

Sozinha, a tal lousa do futuro não garante educação de qualidade, dizem especialistas. "Mas a presença da lousa digital planejada tem grandes chances de alcançar resultados que o professor, na ausência do equipamento, teria mais dificuldade de conseguir", diz Marcus Maltempi, professor da Unesp e estudioso de novas tecnologias aplicadas à educação.

Danilo Claro Zanardi, 41, que dá aula de física no Dante, concorda: "ensino o conteúdo de três aulas em uma só porque não perco tempo escrevendo ou desenhando." A Folha acompanhou uma aula dele sobre vetores repleta de animações. Ele preparou o conteúdo no dia anterior, no seu computador, usando power point.

Mas nem todos docentes são assim tão animados com o produto por aqui. Tom Ferrari, diretor para América Latina da Smart, relata resistência do mercado brasileiro.

"Assim como lousa e caderno foram estranhos às escolas em uma época, as tecnologias digitais são atualmente", diz Maltempi, da Unesp.

Outro fator de resistência é o custo das lousas, inacessível para a maioria das instituições de ensino do país. Para conseguir levar o equipamento para as salas de aula de mais de 500 mil alunos –que pagam mensalidade de cerca de R\$565–, a Universidade Estácio de Sá, por exemplo, decidiu produzir sua própria lousa.

O resultado foi uma lousa digital simplificada com cara de TV gigante e tela "touch", a teliom, que se tornou a primeira patente depositada pela instituição, em 2014. A universidade estuda agora licenciar a teliom para empresas interessadas em comercializá-la. "No futuro, as aulas serão só assim", diz Lindália Sofia Junqueira, diretora de inovação da Estácio.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Revista Veja	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/06/2015
<b>Assunto:</b> Exemplos		<b>Página:</b> on-line



### A FINLÂNDIA TEM MUITO A ENSINAR

*Sem alarde, como é de seu estilo, o país nórdico, símbolo da excelência no ensino, lidera o movimento global para revolucionar a sala de aula e criar as bases da escola para o nosso tempo*

Na década de 70, a Finlândia decidiu promover uma virada crucial no ensino. Era um tempo em que metade da população ainda vivia na zona rural e a economia dependia das flutuações do preço da madeira - passado que soa remoto diante do atual desempenho do país na corrida global: a chamada "terra dos 1 000 lagos" (exatamente 187 000) e dos 2 milhões de saunas (uma para cada 2,7 habitantes) desponta entre os cinco primeiros nos rankings mundiais de competitividade, inovação e transparência. Sua capital lidera o mais recente teste de honestidade da revista Reader's Digest, baseado em quantas de doze carteiras com 50 dólares deixadas em lugares-chave pela revista foram entregues de volta a seus donos ou à polícia. Em Helsinque, onze das doze carteiras foram devolvidas - no Rio de Janeiro, quatro, o mesmo número de Zurique.

#### Finlândia 7X0

Não espere encontrar na Finlândia a rigidez típica de outros campeões do ensino, como Coreia do Sul ou China. Enquanto a palavra de ordem na Ásia é estudar noite e dia, nessas bandas da Escandinávia a rotina escolar é mais suave, com jornadas de cinco horas e lição na medida certa para sobrar tempo para "relaxar" - esse é o verbo de que os finlandeses gostam. Que não se confunda isso com indisciplina ou pouca ambição. Foi só a Finlândia perder posições no ranking da OCDE (ficou em sexto lugar no último) e o exame nacional mostrar certa queda para soar o alerta e o rumo ser corrigido. Os novos tempos são de construção do conhecimento em rede, uns colaborando com os outros, como nas rodas acadêmicas. Também é visível a mudança na condução da aula pelo professor, que às vezes nem mesa tem; a ideia é que ele palestre menos e guie mais o voo dos estudantes. Os mestres não são coadjuvantes, como em muitas experiências que se autointitulam inovadoras, mas o centro de uma reviravolta sustentada em delicado equilíbrio. "O segredo está em não achar que flexibilidade é o mesmo que anarquia", pondera a doutora em educação Kristiina Kumpulainen, da Universidade de Helsinque.

A tarefa de saber qual conteúdo deve sobreviver à afiada peneira deste século não é simples, mas vem sendo testada com sinais de sucesso, e não só na Finlândia. Também na vanguarda do ensino, o distrito de Colúmbia Britânica, no Canadá, encontra-se em



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

pleno processo de separar o descartável do essencial. "Com uma grade de matérias tão pesada, as crianças não estavam aprendendo a pensar", reconhece Rod Allen, envolvido na missão de reescrever o currículo. Os canadenses continuarão a estudar os fundamentos da democracia grega e por que todos os caminhos levavam a Roma, mas não precisarão mais "sobreviver", como diz Allen, todas as civilizações da

Antiguidade. "No lugar de cinquenta tópicos mal absorvidos, vamos agrupá-los em dez ou doze grandes áreas, enfatizando os conceitos realmente valiosos", explica ele, que ainda esclarece: datas, pessoas e eventos importantes seguem firmes na cartilha. O Japão percorre trilha semelhante. Enxugou em 30% seu currículo para ceder espaço às habilidades tão em voga. Não há nada de modismo aí. Os japoneses perceberam que os postos de trabalho que envolvem atividades rotineiras e baseadas em um único tipo de conhecimento estão sendo varridos por aqueles movidos a desafios mais imprevisíveis e complexos, que exigem flexibilidade de pensamento e de postura. Mas em um ponto ninguém mexe: ler um livro por semana foi, é e sempre será sagrado.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Nota 10	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/06/2015
<b>Assunto:</b> Custo-aluno	<b>Página:</b> Online	



### Entidades questionam demora na definição do custo-aluno

O Fórum Nacional de Educação (FNE) protocolou requerimento no Ministério da Educação (MEC) questionando a demora na definição do Custo Aluno-Qualidade Inicial (CAQi) e a falta de participação das organizações civis nos debates sobre o assunto. Por lei, o CAQi deve ser implementado até meados do ano que vem.

A implantação do Custo Aluno-Qualidade (CAQ) faz parte das estratégias do Plano Nacional de Educação (PNE) para alcançar o investimento de pelo menos 10% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação até 2024. O CAQ define quanto cada aluno precisa para ter acesso à educação com um padrão mínimo de qualidade.

O FNE é composto por 50 entidades representantes da sociedade civil e do Poder Público. No requerimento, o fórum argumenta que o documento final da Conferência Nacional de Educação (Conae) – que reuniu especialistas, organizações e Poder Público – estabeleceu que o CAQi fosse definido até maio deste ano. Assim, seria possível constar nas leis orçamentárias para 2016.

Além disso, a Conae estabeleceu que o CAQi fosse regulamentado nos moldes de parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 2010. O parecer, que não foi homologado, definia os insumos necessários para uma educação de qualidade. Estão incluídos recursos para infraestrutura, materiais, equipamentos, além do salário dos professores.

O FNE questiona também a falta de participação de outras instituições na definição do instrumento, que está sendo feito internamente no MEC.